

O CARTEL E O DISCURSO ANALÍTICO

Laureci Nunes

Lacan, em 1964, quando fundou a Escola Freudiana de Paris, propôs o cartel, como o dispositivo privilegiado, onde ele esperava que o trabalho da Escola se realizasse.

Tratava-se do princípio de uma elaboração sustentada em pequenos grupos. Essa proposição foi apresentada em um momento muito importante para a psicanálise, pois foi após da ex-comunhão de Lacan pela IPA. Foi nesse ano que ele propõe as bases de sua instituição de psicanálise. Em suas proposições estava incluída, fundamentalmente, uma posição anti-didata, contra o caciquismo reinante na IPA. Sem dúvida, conforme aponta Miller, "o cartel é uma máquina de guerra anti-didatas" (1). Lacan o propõe como órgão de base de sua Escola, incluindo, em 1967, o dispositivo do Passe – sendo este também estabelecido em torno de cartéis. Era dessa forma que esperava que um trabalho em relação à teoria se realizasse, e não nos cursos ou seminários, onde está suposto um saber pré-digerido, que mascara a ignorância. O cartel é proposto como o dispositivo capaz de articular a psicanálise em intenção com a psicanálise em extensão.

Levando em conta as características do cartel, incluímos a seguinte citação de Stella Jimenez:

A idéia de cartel parte de uma determinada concepção da formação do analista: a de transformar uma transferência dirigida a alguém que sabe e a quem se pede que ensine, numa transferência de trabalho, que quer dizer, num desejo de produzir dirigido para um lugar em que essa produção possa ser exposta; transformar o que poderia ser a busca de uma verdade doutrinal num saber sobre a verdade e sua relação com o impossível. (2)

No entanto, o central da proposta de Lacan não é uma posição institucional anti-grupo e o fundamental do mais-um não é o de ser um anti-líder. O que há de fundamental, como bem o coloca Guy Trobas, é uma mudança de perspectiva. Chamando a atenção para como Lacan estabeleceu o discurso analítico – através de uma reversão do discurso do mestre, este autor lembra que

Lacan faz uso de significantes, de novos significantes, de tal forma que esses significantes desvelem o que mascaram à sua maneira, a saber, que existe uma consubstancialidade entre o real e o imaginário, uma continuidade muito freqüentemente esquecida. É isso que faz com que, partindo-se do segundo, se possa, por certas modalidades, chegar-se ao primeiro. (3)

Para esse autor, o cartel é um dispositivo que faz obstáculo a que os analistas se confortem no grupo, ocultando o real do grupo que o fundamenta, usando o imaginário. Essa acomodação do objeto impossível de suportar se dá pela construção de uma fantasia coletiva, cimento do grupo e sua obscenidade, tal como Lacan, seguindo Freud, já o observara.

O dispositivo cartel está colocado para atuar ao revés disso. "É um dispositivo incitativo onde o analista seria levado a se interrogar sobre aquilo que, do imaginário grupal, se funda necessariamente sobre um real" (4). Nesta via, o cartel seria o meio de perceber aquilo que funda essa necessidade e que se cristaliza no funcionamento do grupo.

Seguindo ainda esse autor, esse meio é alcançado pela instalação de um significante novo, justo no ponto de maior densidade imaginária – onde se dá a cola entre os sujeitos – “qual seja o nó identificatório do líder e do real do qual ele faz signo” (5). Esse significante novo, o mais-um, faz furo, faz buraco ali onde se pode operar a reversão do imaginário em real. Esse significante novo, fora do campo do saber, colocado no lugar do líder, tem um efeito interpretativo, um efeito de saber.

Nesta medida, não se trata do mais-um ignorar a posição de líder a qual é convocado, pelo convite que lhe é feito e pelas conseqüências estruturais inevitáveis dos sujeitos; se espera que ele parta desse lugar e a partir daí limite seus efeitos. Ao menos do mais um é esperado que esteja avisado dos efeitos nocivos ao trabalho relativo à “psicologia das massas”.

O MAIS-UM

A função que Lacan designa como mais-um é lugar evidenciado. A ele delega, em um primeiro tempo, em 1964, a tarefa de “seleção, discussão e da saída a ser dada ao trabalho”. Em um segundo tempo, nas Jornadas de 1975, Lacan conclui que o mais-um não é mais uma função que circula, tem que estar encarnado em alguém. E em 1980, quando propõe a forma afinada de cartel, o coloca com a função de velar pelos efeitos internos da empresa e provocar a elaboração, colocando a céu aberto os resultados, assim como as crises de trabalho. Mas isto se dá em um primeiro tempo da transferência – sim, porque Lacan também não abre mão de que o mais-um seja escolhido e convidado pelos quatro membros e não seja nomeado a partir de um consenso entre os cinco. Nessa medida, recai sobre ele, pelo menos ao nível da escolha, esse valor agalmático. Ele não sendo escolhido como um dos imaginariamente semelhantes força a que fique, inicialmente, no lugar da alteridade absoluta. Também é a ele que recai a responsabilidade de declarar o cartel junto a Escola, fazendo sua inscrição, assim como promovendo sua dissolução, pela conclusão da empreitada, por uma crise de trabalho ou pela desistência de um dos membros.

X + 1

É nas Jornadas de 1975 que Lacan conclui que todo grupo que levar seus membros à produção tem a estrutura borromeana de cartéis, posto que houve a função do mais-um que a possibilitou.

Apresenta o matema $x + 1$ como matema do cartel. Trata-se de uma fórmula tomada da matemática, que diz respeito ao entrelaçamento de anéis, cuja qualidade é a de compor um nó, onde basta que um dos anéis se solte para que o nó se desfaça. Com essa estrutura, onde três é o número mínimo, Lacan pretende representar um funcionamento onde cada um seja efetivamente e não só imaginariamente o que sustenta o grupo.

No nó borromeano, x corresponde ao número de anéis e 1 é a qualidade borromeana. X pode ser qualquer número acima de dois, Lacan propõe quatro como o número ideal, para ele mais que seis é multidão, confusão.

O CARTEL EM FUNCIONAMENTO

Miller (6), ao concluir que o discurso que melhor corresponde ao do cartel é o da histórica, acrescenta que para seu adequado funcionamento, faz-se necessário que neste discurso uma mudança se proceda:

De:

$$\begin{array}{cc} \underline{\$} & \underline{S1} \\ a & S2 \end{array}$$

para:

$$\begin{array}{ccc} a \text{ -----} \rightarrow \$ & & \text{-----} \rightarrow \underline{S1} \\ \text{(trabalho de transf.)} & & \text{(transf. de trabalho) } S2 \end{array}$$

Para que essa mudança se dê, faz-se necessário que o mais-um não retenha sob si o objeto a , como no discurso da histórica, cujo pedido é dirigido a um mestre que trabalhe e produza saber sobre seu sintoma, caminho cuja conseqüência sempre é o amor. Mas ao contrário, que também nele o a venha em posição de causa de seu desejo, deixando-se mostrar em sua falta, em sua falta de saber. Nesse sentido, citando novamente Stella Jimenez, que seja um provocador da elaboração tal qual fazia Sócrates, onde, no Banquete, apontou à Agatão como aquele que teria o que Alcebiades supunha que ele, Sócrates, retinha. "Sócrates admite saber só uma coisa: do desejo, que ele define como falta. Seu único saber é, então, um saber sobre a falta." (7) Do mais-um é esperado que aponte para a teoria, para os textos de Freud e Lacan como lugar do saber.

Nessa linha, deve tomar os demais membros do cartel como S1, nos adverte Miller, mas não na vertente em que S1 é o próprio representante da falta-a-ser, mas o S1 como a insígnia do sujeito, da pura diferença, como senhores significante-mestres em trabalho, inclusive ele próprio, como membro do cartel.

Estes aspectos do funcionamento do cartel denotam que o mais-um não está como analista do grupo. Numa análise o analista não opera como desejante, dividido. Deixa-se ser tomado como grande Outro, num "fazer-se de conta" do objeto agalmático, para daí poder operar, com seu ato, em direção ao real. Escancarando a face de impossibilidade de qualquer semblante sustentar-se na abordagem do real. Ou seja, é o semblante tomado em seu fracasso para resolver as questões concernentes à verdade, tal como Lacan nos ensina no Seminário 20. Por outro lado, o analista também não confirma o analisante em suas identificações imaginárias, nos significantes através dos quais o sujeito supõe representar-se, sendo esta a via

mais fácil ao fracasso de uma análise ou, no máximo, de torná-la uma psicoterapia. Não introduz diretamente o S(A/), mas o faz ao interpretar desde esse lugar, tal qual nos apontava Celso Rennó Lima (8). Mantém o trabalho de transferência como efeito de significação introduzido pelo sujeito suposto saber, até o final da análise, quando esse significante, que lhe foi emprestado pelo analisante, caia, liquidando o sujeito suposto saber e aparecendo a inconsistência do Outro, e é nessa medida que a transferência se transforma em transferência de trabalho, não mais com o núcleo de $i(a)$. O analista cai como resto dessa operação, um outro qualquer.

Fundamentalmente, uma estrutura que se apresente como o entrelaçamento do nó borromeano funcionará a partir da falta de saber no Outro, a partir da qual a produção, o escrito, a ser apresentado numa jornada perde a categoria de trabalho para um exame, para agradar ao Outro, pois este, sendo a Escola, está assentado sobre a falta de saber. O trabalho apresentado, no caso dos cartéis, deve ser apenas motor da discussão.

Cabe então ao mais um introduzir esse efeito de sujeito no cartel, sendo ele também afetado pelo não saber. O mais-um como membro deve também trabalhar. Este é seu ato, segundo Miller. Que também acrescenta que se o trabalho tem que ser provocado é porque a vocação que há é para a preguiça, na tentativa constante de reinstalar o princípio do prazer. É Lacan, no *Seminário 20*, quem também aponta que este princípio se instala com facilidade na associação livre, na incessante tentativa de manter a coalescência do pequeno a com o S(A/). Por isso, acrescenta Lacan, o analista não deve ser conivente com o blá blá blá.

Stella Jimenez sugere que deveria fazer parte da ética do mais-um, só aceitar o convite a fazer parte de um cartel quando o tema faz questão para si; fazendo com que seu não saber possa ser gerador da produção de saber por parte dos outros membros. Para ela esta seria uma forma de o mais-um prevenir-se de mais uma armadilha que o significante "mais" engendra, de um lugar a mais. Assim como também considera prudente que os quatro membros, ao dirigirem o convite a alguém para a função de mais-um, de ao menos supor que ele possa se interessar pelo tema ou que já tenha apresentado questões referentes ao mesmo.

A aposta de Lacan estava no funcionamento do dispositivo muito mais que nas pessoas. Destas, ele não esperava muito. A transmissão que ele punha em evidência era de um saber que não perde sua relação com o real, pois para ele, na psicanálise se está suficientemente avisado, em contraposição à ciência, que o saber não se transmite integralmente. Esperava uma transmissão via matema, já que considerava a matemática uma verdadeira ciência, pois é a única capaz de formalizar o saber na contra mão do sentido, a contra-senso. Nela o isso não quer dizer nada, e a manutenção dos termos de sua demonstração são indispensáveis. Saindo um deles, a forma se desfaz, perde sua lógica. A outra transmissão pensada possível por Lacan é a de um estilo, levando em conta sua formulação de que o estilo é o objeto (ou a falta dele), tomado na perspectiva recolocada por Stella Jimenez de que "é o impronunciável que atravessa o texto, a causa que desliza entre linhas, o indecifrável que corre entre as palavras" (9). "(...) o

estilo deixa de ser uma determinada maneira de escrever para passar a ser algo da ordem do indefinível, algo que toca o ser" (10).

Concluindo, considero importante lembrar que o cartel inicia-se com o real da dissolução já posta. O luto do agrupamento se coloca como um trabalho necessário, de antemão, e também que o produto, esperado, não é o mais importante. Sempre cairá como resto, com a marca da insatisfação, diferente da impotência, tendo sua tentativa de retomada sempre, num trabalho seguinte, num cartel seguinte, desde que a transferência de trabalho tenha sido instalada e produzido seus efeitos, enfim que o cartel tenha funcionado; o que só se poderá saber à posteriori. Quanto ao saber do mais-um, considero que, assim como o do analista, não prescinde de certo saber sobre a castração. Nesta perspectiva o cartel, em seu adequado funcionamento, toca em algo que só se dá, efetivamente, ao final de uma análise: atua na contramão das identificações e da consistência do Outro, e visa a transformação da transferência em transferência de trabalho, digirida a um lugar.

NOTAS BIBLIOGRÁFICAS

- 1 - MILLER, J. A. "Novas reflexões sobre o Cartel". *In: Revista Correio*, nº 10, p. 12.
- 2 - JIMENEZ, S. "O Cartel". *In: O Cartel*. Rio de Janeiro: Campus, 1994, p. 12.
- 3 - TROBAS, G. "Do grupo ao Cartel, do líder ao Mais-Um". *In: Jimenez. S. (org.) O Cartel*. Rio de Janeiro: Campus, 1994, p. 46.
- 4 - *Ibid.*, p. 46.
- 5 - *Ibid.*, p. 47.
- 6 - MILLER, J. A. "Cinco variações sobre o tema da elaboração provocada". *In: Jimenez. S. (org.) O Cartel*. Rio de Janeiro: Campus, 1994, p. 8.
- 7 - JIMENEZ, S. "O Cartel", *op. cit.*, p. 17.
- 8 - LIMA, C. R. Conferência inédita, Florianópolis, 2001.
- 9 - JIMENEZ, S. "O Cartel", *op. cit.*, p. 29.
- 10 - *Ibid.*, p. 28.